



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A TRADUÇÃO E O ENSINO/APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

Amanda da Silva Prata; Sinara de Oliveira Branco

Universidade Federal de Campina Grande

amanda_prata@hotmail.com; sinarabranco@gmail.com

Resumo: Este trabalho é resultado de reflexões realizadas durante o curso da disciplina Estudos e Didática da Tradução, em nível de pós-graduação stricto sensu, que possibilitou que pudéssemos discutir, entre outras, questões relacionadas à prática da tradução nas aulas de línguas estrangeiras. Buscamos refletir sobre a importância de utilizar a tradução como ferramenta pedagógica nestas aulas; tecemos comentários a respeito do lugar que a disciplina Tradução ocupa em um currículo de Letras/Língua Espanhola, de uma universidade pública paraibana, observando que é importante que o professor de língua estrangeira receba uma boa formação no que se refere às teorias e à prática da tradução, para que possa utilizar os conhecimentos adquiridos, durante a formação, em sua prática docente.

Palavras-chave: Tradução, Currículo, Professor, Ensino/Aprendizagem, Línguas Estrangeiras.

1. Introdução

O presente artigo busca refletir acerca da prática da atividade de tradução em aulas de línguas estrangeiras, consideramos aqui especificamente a tradução interlingual, também chamada de tradução propriamente dita, que consiste na transposição de palavras, orações ou textos de uma língua a outra.

Visando desmistificar a ideia de que a tradução em aula de línguas estrangeiras consiste em atividade tradicional, desinteressante e cansativa, apresentamos a prática de tradução propriamente dita como atividade capaz de trazer benefícios às aulas de línguas estrangeiras, desde que seja bem planejada e apresentada ao aprendiz de forma significativa.

Acreditamos que, para que possa planejar bem sua prática e escolher os momentos mais adequados para trabalhar com tradução em suas aulas, é importante que o professor de língua estrangeira tenha uma boa formação inicial; deste modo, a presença de disciplinas que priorizem a teoria e a prática da tradução no currículo das licenciaturas em Letras, com habilitação em línguas estrangeiras, é importante para que o futuro professor de língua estrangeira possa refletir sobre a prática da tradução e entender que ela não precisa ser banida de sala de aula sob o pretexto de que é atividade ultrapassada e sem utilidade.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Buscamos observar o lugar da disciplina Tradução em um currículo de Letras, com habilitação em Língua Espanhola, de uma universidade pública paraibana, para que possamos entender em que momento da formação são discutidas teorias referentes à tradução. O currículo observado nos é familiar, pois faz parte de nossa formação.

O interesse por esta temática surgiu durante as discussões realizadas na disciplina Estudos e Didática da Tradução, do Programa de Pós Graduação em Linguagem e Ensino da UFCG (Universidade Federal de Campina Grande), que possibilitou que pudéssemos refletir, entre outras, questões relacionadas à prática de tradução.

2. Tradução

A tradução é uma atividade que consiste em um conjunto de transformações e é muito necessária para que possamos nos comunicar. Traduz-se algo porque o original não pode ser compreendido, logo “a primeira função da tradução é, então, de ordem prática: sem ela, a comunicação fica comprometida ou se torna impossível” (Oustinoff, 2011, p. 12).

A respeito da tradução, Oustinoff (2011, p. 8), apresenta uma pergunta que o autor julga impossível de responder sem considerar a dimensão histórica: “o que é traduzir?”. Na tentativa de encontrar respostas a este questionamento, o autor distingue períodos da história, levando em consideração a visão que se tinha sobre o ato de traduzir em cada um deles. De acordo Oustinoff (2011), em um primeiro período, que remonta à tradução de textos gregos por romanos ou de textos bíblicos para o latim e, em seguida, para as línguas vernaculares, e que vai até o Renascimento, a busca era pela fidelidade ao original. Eco (2007) concorda com esta busca pela fidelidade e alerta a respeito do fato de que “uma tradução não deve dizer mais que o original, ou seja, deve respeitar as reticências do texto fonte” (ECO, 2007, p. 386), não cabendo à tradução trazer mais informações do que as apresentadas na obra fonte.

Segundo Oustinoff (2011), nos séculos XVII e XVIII foi possível observar um novo movimento no que diz respeito à história da tradução, partindo do princípio de que uma tradução só seria ‘bela’ se fosse infiel, “os tradutores passaram a dar as costas à letra do original como bem lhes aprouvesse” (OUSTINOFF, 2011, p. 8). De acordo com o autor, na atualidade tais transformações não são mais aceitas, pois seriam consideradas como adaptações. Como aponta o autor, de fato não há como refletir a respeito da tradução sem levar em consideração sua dimensão histórica, uma vez que cada período histórico apresenta características próprias, que influenciam as mais diversas áreas de estudo. A noção de “infidelidade” na tradução, neste contexto, passa a ser



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

relativa e está relacionada a cada época, como afirma Oustinoff “[...] as fronteiras entre imitação, tradução e adaptação variam conforme as épocas. A ‘infidelidade’ é, então, uma noção absolutamente relativa.” (OUSTINOFF, 2011, p. 39).

É importante destacar que quando se fala em tradução, a primeira impressão que geralmente se tem é a de que se trata de uma operação em que se substituem palavras de uma língua por palavras de outra língua. A este respeito, Meschonnic (2010, p. 22), afirma que “traduzir não se limita a ser o instrumento de comunicação e de informação de uma língua a outra [...]”.

Logo, o ato de traduzir não se limita à passagem de uma língua a outra, sendo esta apenas uma forma de tradução possível. Jakobson (2000) distingue três categorias de tradução: intralingual, interlingual e intersemiótica. A primeira categoria trata de uma interpretação de signos verbais por meio de outros signos verbais, na mesma língua; a segunda diz respeito à interpretação de signos verbais por meio de outros signos verbais em outra língua; a terceira categoria de tradução consiste em uma interpretação de signos verbais por meio de signos não verbais e vice-versa.

A Tradução Intralingual, que ocorre dentro de uma mesma língua, se dá, por exemplo, quando explicamos o significado de uma palavra através de um sinônimo, logo, a criança que pergunta para a mãe o que significa determinada palavra espera que a resposta venha através de um termo mais conhecido, para que possa compreendê-la, esta seria, para Jakobson, uma forma de tradução. A Tradução Intralingual também ocorre quando parafraseamos algo, uma vez que a paráfrase apresenta o texto de um novo modo.

A Tradução Interlingual ocorre entre línguas distintas, é esta tradução que muitos autores chamam de “tradução propriamente dita”. Quando passamos palavras, orações, textos de uma língua a outra estamos realizando uma Tradução Interlingual.

A terceira categoria de tradução apresentada por Jakobson é a da Tradução Intersemiótica, esta ocorre por meio da passagem de signos linguísticos para um sistema de signos não linguísticos, ou vice-versa. Considerando especificamente a definição da tradução intersemiótica, Oustinoff (2011, p. 114) ressalta que “essa definição soará abstrata”, pois as passagens de um sistema de signos a outro “parecerão bem distanciadas daquilo que geralmente se entende por tradução”. O autor não descarta o fato de que existem transposições possíveis no campo da arte, tais como as que permitem transformar um romance em filme, por exemplo, mas, o que se observa, neste caso, é muito mais adaptação que tradução.

Traduzir não é tarefa fácil, muito se exige do tradutor, não por acaso Rónai (1981)

questiona se, considerando as virtudes exigidas de um



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

tradutor, muitos escritores seriam dignos de serem tradutores. O ato de traduzir pode ser considerado tanto um conhecimento declarativo, já que ou se sabe ou não se sabe traduzir, e é algo que se aprende por exposição, quanto um conhecimento procedimental ou operativo, algo que se aprende através da prática, de modo gradual. Isto quer dizer que um indivíduo pode aperfeiçoar suas técnicas de tradução com o tempo, através das experiências vividas e de suas investigações, o estudo e a dedicação são fundamentais para obter bons resultados.

Considerando que se exige muito do tradutor, os cursos de formação de tradutores e os cursos de graduação em línguas estrangeiras (onde normalmente há, pelo menos, uma disciplina relacionada à tradução) devem elaborar seu currículo de modo que possam oferecer uma adequada formação tanto para futuros tradutores, quanto para futuros professores de línguas, que também deverão trabalhar com tradução em suas aulas. A este respeito o próprio Parecer CNE/ CES 492/ 2001, “que estabelece as novas Diretrizes Curriculares para os Cursos de Letras” destaca que “os cursos de licenciatura devem formar seus alunos para atuarem em vários segmentos” com o objetivo de formar profissionais que possam atuar como professores, pesquisadores, tradutores, intérpretes, revisores de textos, críticos literários, entre outros ofícios. (PAVAN e SILVA, 2010, p. 195).

Como é possível observar, se espera que os cursos de licenciatura em línguas estrangeiras preparem seus alunos para atuarem também como tradutores, daí a importância de ofertar, nestes cursos, componentes curriculares que tenham como foco a atividade de tradução.

Visto que a tradução é uma atividade indispensável nas aulas de LEs, passamos a refletir sobre o lugar que ocupa a disciplina Tradução no currículo de um curso de licenciatura em Letras/ Espanhol de uma universidade pública, na Paraíba.

3. O lugar da Tradução em um currículo de Licenciatura em Letras/Língua Espanhola

A escolha pela observação do currículo deste curso se justifica pelo fato de que este currículo representa a base de nossa formação, sendo, por este motivo, familiar. Na grade curricular do referido curso, a disciplina Teoria e Prática de Tradução em Língua Espanhola aparece no sexto semestre, classificada como complementar, e sua carga horária é de 60 horas. Não há nenhuma outra disciplina associada à tradução nas opções de atividades eletivas, o que implica dizer que só há uma disciplina que prioriza o trabalho com tradução em toda a grade curricular.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A ementa da disciplina consiste em “Considerações gerais sobre a teoria da tradução: modelos estruturalistas e pós-estruturalistas. Visão desconstrutivista da tradução. Prática de tradução da língua espanhola para a língua portuguesa. Técnicas de tradução. Considerações sobre os diversos gêneros textuais; os aspectos socioculturais, antropológicos e psicológicos e suas implicações no ato tradutório.” Como se pode observar, a ementa apresenta a prática de tradução da língua espanhola para a língua portuguesa, mas descarta o processo de versão (da língua portuguesa para a língua espanhola), que também deveria ser considerado.

O fato de que a disciplina apareça no sexto período parece-nos positivo, uma vez que os alunos que cursam Tradução já cursaram cinco disciplinas de Língua Espanhola, e espera-se que já possuam um bom domínio desta língua, o que ajuda na realização das atividades, já que não se perde tanto tempo com pesquisa em dicionários, por exemplo.

Gostaríamos de destacar que seria interessante a inclusão de, pelo menos, outro componente, na grade curricular do curso em questão, relacionado à tradução, já que, como futuros professores de ELE (Espanhol como Língua Estrangeira), os alunos desta licenciatura provavelmente trabalharão com atividades de tradução em suas aulas, e necessitarão estar bem preparados; pensamos que uma única disciplina de Tradução na licenciatura é insuficiente para suprir as necessidades destes futuros profissionais, dos quais o mercado exige tanto.

A seguir, passaremos a considerar a tradução como ferramenta pedagógica nas aulas de LEs.

4. A tradução no ensino de LEs (Línguas Estrangeiras)

No contexto de ensino de línguas estrangeiras, a tradução pode ser considerada uma importante ferramenta pedagógica. Sua utilização no ensino das línguas clássicas (grego e latim) deu origem ao método Gramática e Tradução, cuja “abordagem é preferencialmente analítica e as ferramentas privilegiadas serão os manuais ou antologias de textos, até mesmo obras na íntegra, a gramática e o dicionário bilíngue” (MARTINEZ, 2009, p. 50).

A partir do século XIX, quando outras línguas passaram a ser estudadas, surgiram outros métodos (os mais conhecidos são o direto, o da leitura, o audiovisual, o audiolingual e a abordagem comunicativa), e a tradução passou a ser considerada uma ferramenta ultrapassada no ensino de línguas estrangeiras, embora se saiba que o ato de traduzir, neste contexto, é praticamente inevitável, seja mentalmente, oralmente, ou em atividades de escrita.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Tecchio e Bittencourt (2011, p. 153) afirmam que:

A tradução efetivamente constitui um recurso importante para a compreensão do funcionamento da linguagem de modo geral e das línguas, de modo específico. Constitui um processo privilegiado, que permite, entre outros, a comparação entre códigos diferentes, contribuindo na formação paralela do aprendiz em termos linguísticos, como nos revelam os estudos de Jakobson (1971), Derrida (1972), Paiva (2005), Bruno (2005), Prado (2008), entre outros.

Logo, como se pode observar, a tradução deve ser utilizada em aulas de LEs, pois é uma ferramenta importante neste contexto. Para Lucindo (1997) *apud* Branco (2009, p. 186): “o uso da tradução em sala de aula torna os alunos mais ativos e eles passam a participar mais das atividades”. O que comprova que, além de ser uma boa atividade para que os alunos possam entender melhor como funciona a língua (gem), a atividade de tradução ainda possibilita uma maior interação em sala, embora muitos professores a vejam como uma ferramenta tradicional no ensino de línguas.

Entretanto, sob o pretexto de ser vista como atividade tradicional, a tradução não deve ser desconsiderada no processo de ensino/ aprendizagem de línguas estrangeiras, uma vez que o ato de traduzir estimula o aprendiz a refletir sobre o sistema linguístico de sua língua materna, bem como sobre o sistema da língua estrangeira, e propicia a observação das semelhanças e contrastes entre os dois, sendo uma atividade importante e necessária nas aulas de LEs.

Para Costa (1988), a tradução seria uma quinta habilidade, juntamente com a expressão escrita, a compreensão leitora, a compreensão auditiva e a expressão oral. Para o autor, traduzir representa um hábito de muita utilidade, uma vez que em várias situações cotidianas temos a necessidade de traduzir textos por diversos motivos, como, por exemplo, compreender um manual de instruções, entender um anúncio, ler um texto em língua estrangeira, oferecer ajuda a alguém que desconhece a língua estrangeira, entre outros. O autor também destaca a dimensão cultural que podemos perceber através da prática da tradução, pois cada cultura apresenta suas particularidades, que são transferidas à língua, por isso nem sempre conseguimos encontrar equivalentes para algumas palavras ou expressões, que são muito específicas de determinada língua/cultura. As expressões idiomáticas são bons exemplos para que possamos perceber que algumas expressões fazem muito sentido em determinados lugares, mas não têm sentido algum em outros. Vejamos os seguintes exemplos:



Figura 1: Expressão idiomática em espanhol.¹



Figura 2: Expressão idiomática em português.²

Traduzir literalmente a expressão em espanhol resultaria na oração “estamos mais felizes que umas castanholas!”, mas no Brasil ninguém utiliza esta expressão para dizer que está muito feliz, aqui, para expressar um enorme contentamento, é comum dizer que alguém está “mais feliz do que pinto no lixo”. Como se pode ver, a prática da tradução é uma atividade capaz de proporcionar também o conhecimento de diferentes culturas.

Ainda considerando o par linguístico espanhol/português, a prática da tradução em aulas de Língua Espanhola, para estudantes brasileiros, por exemplo, também é importante para desfazer mal entendidos no que diz respeito aos falsos cognatos, também chamados de falsos amigos, que são aquelas palavras muito semelhantes, ou mesmo iguais, tanto na escrita quanto na pronúncia em ambos os idiomas. Assim, uma oração como “la cena está exquisita”, pode ser traduzida, em um primeiro momento, por um estudante brasileiro como “a cena está exquisita”, mas se o professor incentiva este aluno a buscar a tradução em um dicionário, em vez de supor o que significa a oração apenas visualizando-a, o estudante perceberá que a tradução adequada é: “o jantar está delicioso”.

Desse modo, vale destacar que a prática da tradução é necessária nas aulas de línguas estrangeiras, e representa importantes contribuições para o processo de ensino/aprendizagem,

¹ Disponível em:

https://www.google.com.br/search?q=expresiones+idiom%C3%A1ticas&rlz=1C2AVNC_enBR657BR657&biw=1356&bih=646&nojl=1&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiK_aLqbrOAhWCDZAKHX7XA4cQ_AUICCgB#imgrc=cDlh-IH49zG2CM%3A. Acesso: 05 ago. 2016.

² Disponível em:

https://www.google.com.br/search?q=pinto+no+lixo&esqv=2&rlz=1C1AVNC_enBR657BR657&biw=1356&bih=646&tbm=isch&imgil=p8QFxmRcR-7jM%253A%253BXCEVwXqJCdc7vM%253Bhttp%25253A%25252F%25252Fcutucadas.blogspot.com%25252F2012%25252F05%25252Ffigual-pinto-no-lixo.html&source=iu&pf=m&fir=p8QFxmRcR-7jM%253A%252CXCEVwXqJCdc7vM%252C_&usg=_IMeFCNywFtuXaY8H02O6QFYOSyw%3D&ved=0ahUKEwjWy4aqrLrOAhUEgJAKHRdrDNwQyjcIKQ&ei=avOsV9buNYSawgSX1rHgDQ#imgrc=p8QFxmRcR-7jM%3A. Acesso: 05 ago. 2016.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

sendo capaz de possibilitar o contraste entre diferentes idiomas, desfazendo prováveis mal entendidos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destacamos que, como habilidade que se aprende através da prática, a atividade de tradução pode ser constantemente aperfeiçoada através de estudo e dedicação. Os cursos de formação de professores de línguas estrangeiras devem, considerando as necessidades de seu público, ofertar uma boa formação, que prepare estes profissionais para que possam atender às exigências do atual mundo globalizado. Para tanto, é necessário que atualizem seus currículos visando a oferta de uma preparação mais ampla, que possibilite a estes futuros profissionais que trabalharão com tradução, ainda que com fins diferentes daqueles que apresentam tradutores profissionais, por exemplo, o contato com teorias e técnicas que serão indispensáveis.

No caso de currículos de cursos de licenciatura em línguas estrangeiras, defendemos a inclusão de mais disciplinas voltadas à área da tradução, pois muitos destes cursos, como o que analisamos, apresentam apenas uma disciplina relacionada à tradução, que consideramos insuficiente para uma formação mais ampla e adequada.

A respeito da prática de tradução nas aulas de línguas estrangeiras, como vimos, é possível que o professor desenvolva atividades de tradução em suas aulas e obtenha resultados proveitosos no que diz respeito à aprendizagem dos alunos, uma vez que, mesmo que seja vista de forma preconceituosa por alguns, a prática de tradução nas aulas de línguas pode contribuir significativamente para o processo de ensino/aprendizagem, desde que realizada de modo planejado e coerente.

6. Referências



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

BASSNETT, Susan. **Estudos de Tradução**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

BRANCO, Sinara O. **Teorias da tradução e o ensino de língua estrangeira**. Horizontes de Linguística Aplicada, v. 8, n. 2, p. 185-199, 2009.

COSTA, Walter Carlos. Tradução e ensino de línguas. In: BOHN H. I.; VANDRESEN, P. **Tópicos de Lingüística Aplicada ao ensino de línguas estrangeiras**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1988, p. 282-291.

JAKOBSON, R. On linguistic aspects of translation. In: VENNUTI, L. (org.). **The Translation Studies Reader**. London: Routledge, 2000.

MARTINEZ, Pierre. **Didática de Línguas Estrangeiras**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

MESCHONNIC, Henri. **Poética do traduzir**. São Paulo, Perspectiva: 2010. Tradução: Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich.

OUSTINOFF. Michaël. **Tradução: História, teorias e métodos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

PAVAN, C. A. G. ; SILVA, K. A. . A (trans)formação de professores de línguas e as (novas) políticas educacionais sob o olhar da Linguística Aplicada contemporânea. In: Kleber Aparecido da Silva. (Org.). **Ensinar e aprender línguas na contemporaneidade: linhas e entrelinhas**. 1ed.Campinas/SP: Pontes Editores, 2010, v. 1, p. 185-203.

RÓNAI, Paulo. Definições da tradução e do tradutor. In: **A Tradução Viva**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

TECCHIO, Iliane; BITTENCOURT, Marcelina. **A Tradução no Ensino- Aprendizagem de Línguas Estrangeiras**. Revista Magistro. Unigranrio Vol. 2 Num. 1. 2011.